

1

## "Além da História"

I - Antes da invenção da escrita : nós não estamos no meio da vida como os demais seres vivos. Isto podemos verificar pelo fato de que manipulamos o mundo ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ de fora para dentro. Podemos, por exemplo, retirar uma pedra do ~~xxxxx~~ mundo, colocá-la de lá para cá, virá-la de um lado para o outro a fim de entendê-la, e revirá-la a fim de usá-la contra o mundo do qual a havíamos retido. Esses meandros acima descritos se chamam "trabalho", as viradas que aí aparecem chamamos de "inteligência", o resultado é a "obra" e o conjunto de todas as obras assim criadas e usadas pode ser denominado "Cultura". A pergunta que nos colocamos , a fim de ao mesmo tempo estar e não estar dentro do mundo, insistir e existir , precisa ficar em aberto. Pois todas as respostas que se oferecem, como por exemplo aquelas que operam com coisas do tipo espirito, alma ou o "eu", não funcionam.

A observação que acabamos de fazer sobre a criação de obras não é somente válida para a nossa espécie, mas também o é para todas as espécies do homem que nos precederam, e quanto mais de perto nós encararmos a coisa tanto mais milagrosa ela se torna. Um precursor do homem sentado aí, por exemplo, segura uma pedra com a mão direita, outra pedra na esquerda, e bate a da direita na da esquerda até sair uma faísca. Deixemos de lado as duas metades do cérebro que dirigem esse movimento complexo: a mão esquerda parece saber como é a sua pedra, e a direita, como a pedra na mão esquerda deve ser pontuda). Trabalhar trata-se exatamente de um gesto, que procura manipular o que existe para que se torne como deve ser. Trata-se de uma valorização qualificação do real e de uma realização de valores. E isto ocorre provavelmente há dois milhões de anos: cada vez mais valores vão se tornando reais pelos precursores ainda simiescos do homem. E sempre tecnicamente mais perfeitos. Primeiro as pedras que se batem uma contra a outra são maciças e desajeitadas em relação à ponta, depois elas se tornam cada vez mais leves e elegantes. Depois ocorre a primeira grande revolução técnica: joga-se a pedra batida fora e utiliza-se, em seu lugar, as lascas obtidas com as batidas. Tais facas afiadas, serras, flechas e pontas de flechas são então resultado de uma virada (revira-

2

volta) absolutamente incompreensível do interesse ~~xxix~~<sup>no</sup> material pelo ~~xxxx~~ interesse no lixo.

E depois, cerca de 40.000 anos atrás, somos nós que entramos em cena. Isto se nota através dos desenhos nas cavernas. Nós somos gente que sabe recuar da atividade de criação para conseguir uma visão de conjunto, uma Weltanschauung. Para onde recuamos é tão miraculoso quanto existirmos. Digamos simplesmente: nós somos capazes de recuar a fim de lá olhar. De lá, já não mais podemos segurar o mundo, porque os nossos braços são demasiado curtos para isso; o mundo passa a não mais ser manifesto, ao alcance da mão, mas sim visível, aparente. Em compensação, ela se torna objeto de uma visão de conjunto. Estas visões de conjunto obtidas desta forma são subjetivas e fugazes. São imaginações. Mas elas podem ser intersubjetivizadas, simbolizadas, decodificadas por outros. E elas podem ser fixadas, guardadas, mantidas contra as paredes de cavernas, através de cores da terra. Os desenhos das cavernas são tabelas de orientação para as (Herstellungen).

Imagens são os intermediários entre nós e o mundo das coisas a serem colocadas. Elas apresentam (representam) essas coisas, mas ao mesmo tempo elas também se colocam diante dessas coisas. Isto se denomina "inter-dialética de todas as mediações". Mas também sem tais nobres floreios fica evidente que essas imagens podem ser perigosas. Elas são feitas para que nós nelas nos orientemos no mundo, mas isso pode dar uma reviravolta. Pode acontecer que as pessoas se orientem no mundo em imagens, que elas considerem as imagens como verdadeiras e o mundo como imaginação. Tal reviravolta da função de imagens se chama "idolatria", e sua consequência é a reviravolta do gesto de trabalhar em "magia". Nós agimos em função de imagens. A maior parte de nós ainda age assim a maior parte do tempo (batendo na madeira, por ex., ou cuspido três vezes ao vermos freiras), mas alguns entre nós também agem, por vezes, de forma diferente. E isso ocorre devido à seguinte invenção:

II. Invenção da escrita linear: imagens reviradas são opacas, porque elas escondem aquilo que representam. Isto tem conserto. A gente arranca os elementos individuais da imagem

O gente arranca os isolados elementos de imagens (Pixels) da superfície e alinha os elementos uns aos outros. O arranjo pode ser chamado "contar", o alinhado "marcar" e os pixels juntados uns ao outro podem ser chamados "Pictogramas". As suas imagens despedaçadas podem ser (e ser consideradas) como "contadas", narradas, descritas, explicadas e os pictogramas, alinhados uns ao outro podem passar por textos, portanto como descrições e esclarecimentos de imagens.

De que maneira consegui-lo é bem visível essas placas de argila mesopotâmicas de aproximadamente 5.000 anos de idade. Trata-se de uma radical revolução técnica.

Os homens começaram a escrever para explicar imagens e de escapar à magia. O resultado foi algo inesperado: a visão sobre o mundo e sobre os mesmos mudou. Olhando imagens os olhos circulam por cima da superfície. Porque a imagem indica fatos, cenas e o olho tem que descobrir suas relações. Helhot: a imagem não transmite uma informação e o olhar adiaciona. E por isso que um olhar acostumado à imagens enxerga em tudo relações de fatos: tudo é ligado à relações reversíveis e o tempo gira em eterna repetição (precisamente como o olho). Isso é a visão mágica do mundo. Observando textos o olho quebra a linha. Helhot: o texto diaciona uma informação, o olhar deve que diaciona-la. Por isso o olhar não enxerga fatos só, mas processos. O olhar habituado à textos enxerga em toda parte um processo, tudo corre para ele num tempo inegável, só passado em direção do futuro, sem se deletar o presente. Nada se repele e toda é cada oportunidade perdida é prejuízo definitivo. Resumindo: para o olhar de imagens nada acontece e nada pode acontecer e para o olhar de textos tudo se passa e nada pode acontecer. Com a invenção de textos começa a história, porque antes tudo acontecia e nada se passava. Com a escrita fizeram-se história.

III A descoberta do alfabeto. Durante milênios os pictogramas se refinaram. Por exemplo, pequenos trechos da escrita não significavam mais pequenas partes, mas conceitos e palavras. E há aproximadamente 3.500 anos foi feita a origem algumas pessoas, na parte este do Mediterrâneo (possivelmente em Chipre) a partir de agora trazendo propostas mais haverá rítmico que não significa palavras, mas o som das palavras. O rítmico para "Touros" (em semítico, "aleph") deverá a partir de agora o som rítmico "a" e o rítmico para casa (em semítico, "bêta") o som "b". A proposta teve o seu resultado todas as línguas semíticas, hebreus e indo-europeias (com componíveis) reúnem-se no auditivo para a visão. É a proposta foi aceita. Um dos resultados é a civilização ocidental com sua filosofia, ciência e técnica.

4

Outra da invenção da escrita elfabética havia dois métodos, de armazenar informações contra esquecimento (a eutrofia): a oral e a material. Gracas à oral foram as informações armazenadas em vibrações do ar, para serem de lá afastadas. Gracas ao método material foram armazenadas em objetos, possivel para serem de lá revogadas. A oral é <sup>a</sup> mais comoda mas não se pode copiar nela: pode-se intender pensa. A material é mais segura, mas difícil (ligada a muito trabalho). O alfabeto é um método de materializar informações orais e de uma maneira relativamente comoda. As letras são gravadas <sup>natural</sup> no barro e posteriormente endurecidas gracas a cozedura. Um material é oral: a Biblioteca. Somente desde esse período é que a maioria das informações adquiridas são guardadas e a história da humanidade pode tornar-se uma consciente. Com o alfabeto essa invenção tem consequências imprevisíveis. Uma coleção de informações adquiridas, pode tornar-se progressiva. (Porém o alfabeto é agora ultra passado: discos e fílos são sucessores referentes ao auditivo ao material)

Mas todos devem ter também essa invenção. Fue consequência imprevisível. Durante a transição do alfabetico ao auditivo ao visual a língua se transformou para tornar-se escrita. Que dizer da virada consciente das regras inerentes, deu uma língua ambígua. Que se aprende escrever, a gente fala corretamente. Outra invenção do alfabeto: a gente fala o que quer dizer escrito. Os gregos chamavam isso: falar com labios fechados, mítico. Depois a gente começou a falar de maneira lógico-diskursiva. O alfabeto serve de forma mítica e abste o campo ao pensamento lógico, filosófico, científico, teológico. Que dizer da língua do próprio alfabeto - a consciência histórica, consequência de escrita livre, o caráter disciplinado discursivo, consequência. Que se entra na escola para aprender ler e escrever. Troca o pensamento mágico-mítico em favor de um pensamento histórico-lógico. O que isso se consegue sempre?

10 Invenção da imprensa. Queimava-se com alfabeto feira e age de maneira histórica e logica. <sup>Isso ocorreu durante</sup> A maior parte do tempo sómente fofoca gente; uma elite dos literatos para elas a história acontecia e a maioria dos outros viviam como analfabetos - analfabetica mente, mágica-mítica, pré-histórica. A elite (os sacerdotes) que dominava as letras, dominava a história e a massa se deixou conduzir, já que não conseguia decifrar as regras aproximadamente fol pelas quais foi conduzida. Carlos Magno pensou, p.ex. de estás excessiva da gramática, exagerado de fato não foi isto que conduziu à história mas os homens da igreja. (conforme manuscritos católicos)

x Isso conseguiu durante a maior...